

A ESCRITA FEMININA AFRO-BRASILEIRA NO CENÁRIO LITERÁRIO BRASILEIRO

Mariângela Monsores Furtado Capuano¹
(Colégio Pedro II – *Campus* Tijuca II)

Resumo: No Brasil, houve um claro projeto de apagamento da figura do negro do cenário literário brasileiro. Os escritos desses artistas ou não foram publicados ou foram esquecidos nas estantes e arquivos, pois não eram convenientes ao projeto claro de miscigenação branqueadora vivido no Brasil. A comunicação tem como objetivo apresentar uma leitura do romance *Úrsula*, da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, do século XIX, primeira escritora afro-brasileira a ter um livro publicado, e do livro *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, escritora brasileira contemporânea. O trabalho procura levantar questões sobre a autoria feminina negra em dois momentos históricos no cenário literário brasileiro.

Palavras-chave: Mulher; Literatura afro-brasileira; Cânone; Desconstrução de estereótipos

Introdução - A literatura negra ou afro-brasileira e a exclusão do cânone

A expressão “literatura negra” surgiu primeiramente nos Estados Unidos e no Caribe originada nas discussões de movimentos incentivadores de um tipo de literatura que apresentava questões relativas à cultura e à identidade dos povos africanos e afrodescendentes. Essa escrita passa a reconhecer e a revalorizar toda a herança cultural africana e popular, tornando-se uma forma de expressar um novo modo de conceber o mundo (FONSECA, 2006).

No Brasil, houve um claro projeto de apagamento da figura do negro do cenário literário brasileiro. O pesquisador Eduardo de Assis Duarte, em seu texto “Literatura e afro-descendência” (2004), aborda o tema da exclusão do cânone de obras que reproduzem as vozes dos oprimidos.

A produção artística e literária dos afro-brasileiros que se assumiam como tal, desde o período colonial, sempre foi intensa, porém houve um verdadeiro apagamento dos vínculos autorais, e até mesmo textuais, principalmente se as obras remetessem à questão da etnicidade africana. Os escritos desses artistas ou não foram publicados ou foram esquecidos nas estantes e arquivos, pois, como afirma o pesquisador, não eram convenientes ao projeto claro de miscigenação branqueadora pelo qual passou a população, principalmente após a abolição da escravidão.

A crença de que somos todos brasileiros, de que somos todos um pouco afrodescendentes impede a afirmação de uma literatura e de uma arte afro-brasileira,

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro



apagando ou negando as especificidades de raça, etnia ou mesmo gênero. Com a negação de que haja uma produção literária e artística negra, isto é, produzida por um autor negro ou de origem racial africana que assume a própria raça e visão de mundo, o que ocorre é uma completa ausência de uma história ou mesmo de um *corpus* estabelecido e consolidado para a literatura e a arte de matriz africana no Brasil, tanto no passado como no presente.

Ainda hoje, apesar dos esforços de alguns estudiosos em resgatar a história e as obras afro-brasileiras, ainda são insuficientes os estudos e as pesquisas na área, levando ao completo desconhecimento público a maior parte dos escritores e artistas em questão.

A precária divulgação da cultura negra faz com que produções que há trinta anos procuram tornar mais conhecida a obra literária dos afro-brasileiros, como *Cadernos Negros*, de São Paulo, encontrem-se ainda fora do mercado editorial. Da mesma forma, como antologias, folhetos e jornais ligados ao Movimento Negro ainda possuem circulação restrita. Essas produções são importantes como divulgadores da cultura negra produzida contemporaneamente, mas, por outro lado, infelizmente, trabalhos literários ou artísticos dos autores do passado ainda permanecem relegados ao esquecimento, à espera de quem os redescubra e lhes atribua o valor devido.

Não de forma espontânea, a historiografia literária modernamente vem passando por um processo de revisão. O que ocorre é que há novos sujeitos sociais que reivindicam a incorporação de outros territórios literários discursivos no cânone. A questão é que a denominação literatura negra ou afro-brasileira causa resistência em alguns setores do campo intelectual. Eduardo de Assis Duarte (2004), no seu ensaio, cita o alerta feito por Domicio Proença Filho para o risco de essa terminologia reforçar o jogo do preconceito.

Desde o período colonial, a única marca que apareceu nos textos literários canônicos da contribuição do elemento afrodescendente foi a do trabalho braçal. As produções artísticas que surgiram sofreram impedimentos vários à sua divulgação ou, o que é mais grave, sofreram muitas vezes um apagamento deliberado dos vínculos autorais. O que se tem de produção desses sujeitos ou foi recuperado posteriormente por algum estudioso ou permaneceu inédito nas prateleiras dos arquivos.

Com relação à imagem do negro criada na literatura ao longo dos séculos de colonização, o que se pode notar é que a construção foi sempre a pior possível: quando



apareciam, eram recorrentemente bestializados ou reduzidos a objetos sexuais ou de tortura dos brancos.

É esse conceito que os autores e os estudiosos da chamada literatura afro-brasileira procuram desconstruir. O negro, então, deixaria de ser uma imagem estereotipada de personagem na obra dos escritores brancos e passaria a criar a sua própria escritura.

Vários autores ao longo da nossa história literária foram porta-vozes de uma literatura negra, ou melhor, de uma literatura feita por negros. Nomes como Luiz Gama, Cruz e Souza, Lima Barreto, dentro desse cenário de afirmação da figura do afrodescendente como autor de sua história, devem ser sempre apontados. Não podemos deixar de citar, dentre esses, o poeta, folclorista, ator e diretor teatral Francisco Solano Trindade, nascido em Pernambuco, em julho de 1908, que empreendeu uma trajetória militante na busca pela inserção social definitiva do negro. Para isso, atuou primeiramente na Frente Negra Pernambucana e participou da fundação do Centro de Cultura Afro-brasileiro no Recife. A trajetória desse artista foi fundamental por abrir a possibilidade de se pensar diferentemente dentro da homogeneidade promovida pelo mito da democracia racial brasileira.

No cenário literário brasileiro, como foi exposto no presente trabalho, recentemente estudiosos e críticos da literatura reconhecem existir uma produção construída por brasileiros afrodescendentes tratando especificamente de temas ligados à etnicidade e às questões que remetem às raízes africanas.

Um aspecto debatido nos meios acadêmicos é por que autores que tratam em seus textos de questões relacionadas à identidade e à cultura afro-brasileira não são reconhecidos e nem fazem parte do nosso cânone literário.

No Brasil, as produções literárias feitas por negros ou por afrodescendentes, salvo os já consagrados pelo cânone, circulam muito pouco no meio acadêmico e não são usadas nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, pois não há até hoje um reconhecimento de seu valor enquanto obra de arte. Essas publicações tratam não apenas de temas ligados às tradições de matriz africana no Brasil, mas de questões ligadas à exclusão vivida por um grande número de brasileiros.

A abordagem do tema da escravidão e de todas as mazelas a ele inerentes esteve presente nas obras de muitos escritores da nossa literatura. Vários deles podem ser aqui



enumerados, porém, autores que tratam de questões ligadas à vida e às tradições dos afrodescendentes aqui no Brasil e que apresentam o negro como produtor de cultura e como sujeito e não mais como objeto, é que são mais raros. Segundo artigo de Eduardo de Assis Duarte (2006, p.319), o primeiro romance com temática afro-brasileira – *Úrsula* - foi escrito no século XIX por uma escritora maranhense, Maria Firmina dos Reis, antes mesmo da abolição da escravatura. Segundo o pesquisador, o que insere essa obra na temática afro-brasileira é o deslocamento da figura do negro dentro do romance da condição de objeto à condição de sujeito da ação. A escravidão, tema do livro, é abordada “(...) a partir do ponto de vista do outro” (p. 321), entendendo-se esse outro como a voz daquele considerado peça, coisa, sem nenhum passado e nenhum status de humano.

Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afrodescendentes. *Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, poucos historiadores admitem. É também o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida como produção afrodescendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro (DUARTE, 2006, p.327).

Um grande escritor brasileiro, integrante do cânone literário, foi Machado de Assis. Ele próprio, em sua época, foi vítima de discriminação racial e durante muito tempo críticos acusaram-no de adotar a política do próprio branqueamento em referência a sua opção de, segundo esses mesmos críticos, omitir em suas obras questões que envolvessem “(...) a problemática do escravagismo (...)” (SCARPELLI, 2006, p. 351).

Segundo a ensaísta Marli Fantini Scarpelli, após análise de determinados contos de Machado de Assis, o tema da discriminação racial não só aparece como também é denunciado por ele, e a abordagem e a denúncia nem sempre estão explícitas, mas se apresentam “(...) em fragmentos, de forma recôndita ou sublimada” (SCARPELLI, 2006, p. 354).

Assim, como há pouco foi destacado, o tema da escravidão e dos problemas a ele relacionados já fez parte das obras de muitos de nossos escritores; no entanto é muito mais raro encontrar autores que apresentem o negro como protagonista de sua própria história, como produtor de sua cultura.

A figuração do negro no cenário literário no Brasil



Partindo da ideia de que literatura negra no Brasil ou literatura afro-brasileira seriam as produções de escritores engajados na discussão da problemática da vida dos excluídos por questões de ordem étnico-raciais, analisaremos aqui algumas produções literárias que estão ligadas de alguma forma a essa temática.

Faremos uma análise do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, que pode ser confrontado com textos canônicos da literatura brasileira como, por exemplo, entre outros, o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, e do conto “Olhos d’Água”, integrante da coletânea homônima de contos da escritora contemporânea Conceição Evaristo. Este trabalho procura levantar questões sobre a autoria feminina negra em dois momentos históricos no cenário literário brasileiro.

Uma leitura de *Úrsula* em comparação com “Pai contra mãe”

Vários textos canônicos do século XIX, ao tratarem do tema da escravidão, fizeram-no sob a perspectiva do elemento não pertencente à classe oprimida, simpatizante da causa abolicionista, visando à denúncia da mísera condição em que os negros se encontravam na sociedade brasileira. Tais obras, sem dúvida, foram muito importantes como denúncia das atrocidades operadas por esse sistema econômico do Brasil, mas ao lado delas muitas outras foram produzidas por autores afrodescendentes, por vezes com qualidade semelhante às dos autores consagrados, que não tiveram a oportunidade de terem seus textos publicados, por não fazerem parte do círculo intelectual do Brasil. Dentre tais autores, encontramos a escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, esquecida pela crítica por vários anos, muito provavelmente pelo fato apontado por ela própria no prólogo de seu romance *Úrsula* (1854). Segundo a autora, seu romance pouco vale, “por ser escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados” (REIS, 2009, p.13).

A escritora, talvez uma vanguardista, apresenta uma atuação incomum de luta contra a escravidão. Tal inovação se dá pelo simples fato de ser ela uma escritora afrodescendente que, diferentemente de muitos dos seus contemporâneos, assume essa condição e fala de um lugar social intermediário, já que não estudara na Europa, nem dominava outros idiomas, como a maioria dos escritores de seu tempo, tornados canônicos. A escritora apresenta o problema da escravidão em seus textos sob outra perspectiva, a do cativo e de seus descendentes.



Do ponto de vista formal, o romance *Úrsula*, que aqui será tratado, é um folhetim ultrarromântico, de enredo movimentado e com narrativas encaixadas em *flash-back*.

A história gira em torno do amor impossível entre Tancredo e Úrsula, atormentados pelo tio perverso da moça que quer desposá-la. Após a morte da mãe da jovem, para fugir do seu cruel tio, refugia-se num convento a fim de se preparar para o casamento, ajudada pelo noivo e pelo escravo liberto Túlio, amigo fiel do jovem apaixonado.

A trama acaba em tragédia, com o assassinato de Tancredo e de Túlio, pelo tio da moça, que enlouquece depois da morte de seu amado.

O tio, depois da morte de Úrsula, vitimada pela insânia, recolhe-se a um mosteiro, convertendo-se em padre, ficando lá até sua morte.

A originalidade do romance está no fato de os personagens africanos ou afrodescendentes, como é o caso de Túlio, mãe Susana e Antero, embora desempenhando papel secundário, serem extremamente importantes para a trama, o que não ocorria nos textos de sua época.

As atrocidades sofridas pelos negros, bem como sua própria história, no romance, eram reveladas por esses personagens, a partir de seu ponto de vista, o que revela “uma profunda fidelidade à história oculta da diáspora em nosso país” (DUARTE, in: REIS, 2004, p.267). É o que se pode comprovar pelo trecho a seguir em que a personagem mãe Susana fala sobre as condições a que os negros eram submetidos no transporte da África ao Brasil nos sujos porões dos navios negreiros: “É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!” (REIS, 2009, p. 117).

Essa visão inovadora, portanto, nasce de uma “perspectiva outra, pela qual a escritora, irmanada aos cativos e a seus descendentes, expressa, pela via da ficção, seu pertencimento a este universo de cultura” (DUARTE, in: REIS, 2004, p.267).

O romance de Maria Firmina dos Reis, em comparação com outros de seu tempo, apresenta outra visão de um mesmo problema sob diferente perspectiva. Ao analisar o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, por exemplo, percebe-se que o narrador apresenta uma pobre escrava grávida, descrita sem qualquer dignidade humana, apreendida por um homem branco, especializado em capturar escravos fugidos anunciados em jornal.



O sofrimento dos cativos nesse texto é tematizado a partir da visão de um narrador que enfatiza a irrelevância que a personagem apresenta no cenário social em que uns são mais desgraçados que outros. No texto, diferentemente dos personagens escravizados do romance *Úrsula*, a escrava grávida é um mero objeto da história, não um sujeito dela.

A grande diferença do texto de Maria Firmina em comparação a outros de seu tempo, é a relevância que ele dá ao negro, dando-lhe voz. Ele será o protagonista de sua própria história, não mais um objeto como sempre foi tratado na literatura canônica.

Uma leitura do conto “Olhos d’Água”

Mergulhados na ideia de tratar de temas que envolvam a vida dos negros sem estar sistematicamente reforçando a imagem estereotipada que se formou ao longo dos séculos em que foram escravizados, temos a escritora Conceição Evaristo que, juntamente com outros autores afro-brasileiros, faz em suas obras um resgate da cultura e do sentimento dos negros com o objetivo romper com os silenciamentos e os preconceitos em relação à sua figura, sua história e sua cultura, tão comuns nas literaturas tradicionais.

Será objeto de análise o conto “Olhos d’água”, publicado no volume 28 dos *Cadernos Negros*, e no livro de contos da autora, cujo título é o mesmo do conto analisado neste trabalho.

No texto, questões que envolvem “a vida dos excluídos por razões de natureza étnico-racial” (FONSECA, 2006) são apresentadas. As personagens negras estão muito longe de serem comparadas às figuras “bestializadas” frequentemente retratadas nas obras literárias canônicas de nosso país. No ensaio de Gizelda Melo do Nascimento, “O negro como objeto e sujeito de uma escritura” (2006), a ensaísta apresenta dois tipos de inscrições literárias: a primeira, partindo da análise da representação do negro na literatura canônica brasileira, iniciando com Gregório de Matos, passando por Alencar e chegando a Machado de Assis. Na segunda, uma outra visão é apresentada. Desta vez, o negro passa de “figura escrita” a “figura inscrita”, pois analisa autores que tratam do tema do negro como sujeito e autor de sua escritura.

Esse é o caso do tratamento que Conceição Evaristo dá ao tema no conto a que nos referimos. Em “Olhos d’água”, a cor da pele das personagens é um mero detalhe que só percebemos quando a narradora-personagem faz referência ao cabelo da mãe, e quando faz referências às ancestrais africanas, todas mulheres.



(...) Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela...(...) se tornava uma grande boneca negra para as filhas. (...) E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. (EVARISTO, 2005, p.32)

É interessante notar que, no conto em questão, temas ligados à vida do afrodescendente ganham mais visibilidade. Percebe-se nos textos de Conceição Evaristo o resgate das tradições de seus antepassados sendo sutilmente feito. A personagem narradora do conto, na sua busca pela cor dos olhos de sua mãe, procura sua real identidade, perdida na distância que foi obrigada a manter para ajudar na sobrevivência da família. Ao tentar lembrar a cor dos olhos de sua mãe, imediatamente vieram-lhe à mente as recordações de sua infância, época em que estava em maior contato com as tradições de seus antepassados. Ao empreender a viagem de volta à casa, na angustiante busca da resposta à pergunta, de que cor eram os olhos de sua mãe, de fato, está empreendendo uma viagem de autoconhecimento e de afirmação de sua identidade (ROUANET, 1993, p.7).

Somente quando está de volta à casa, ela finalmente descobre de que cor eram seus olhos. Não sabia de que cor eram porque sempre estiveram marejados pelo sofrimento. A volta à casa materna pode ser lida como uma metáfora do retorno às suas origens. Esse movimento reforça a ideia de que a narradora, embora tenha se distanciado de seu lar e de sua família, não consegue romper com os vínculos que a ligam ao passado: “E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos orixás deveria ser a descoberta da cor dos olhos de minha mãe. (EVARISTO, 2005, p.33). ”

Todo o processo de rememoração por que passa a personagem remete-se a um outro problema que também é tematizado no conto. Trata-se da exclusão vivida por grande parte da população brasileira e que é o motivo da umidade constante dos olhos da mãe. O cotidiano da família que enfrenta sérias dificuldades é denunciado na escrita de Conceição Evaristo de uma forma poética e da mesma forma poética é feito em seu conto o resgate do universo cultural trazido pelos antigos africanos.

Considerações finais



No Brasil, as produções literárias feitas por negros ou por afrodescendentes, principalmente mulheres, circulam muito pouco no meio acadêmico, pois não há até hoje um reconhecimento de seu valor enquanto obra de arte. Essas publicações tratam não apenas de temas ligados às tradições de matriz africana no Brasil, mas de questões ligadas à exclusão vivida por um grande número de brasileiros. Talvez seja por isso que os autores cujos textos tratam de questões relacionadas à identidade e à cultura afro-brasileira não são reconhecidos e nem fazem parte do nosso cânone literário

A discussão a respeito da pertinência conceitual de uma literatura brasileira afrodescendente ganhou espaço nos meios acadêmicos nos últimos anos. O surgimento de uma literatura negra que tratasse de temas relacionados às questões vividas pelos afrodescendentes, como vimos, não é tão recente como se imaginava. A necessidade de se discutir sobre a literatura produzida por negros e que tematizasse os conflitos vividos por eles tornou-se inevitável, dando maior visibilidade às questões do grupo social a que pertence a maior parte da população brasileira (FONSECA, 2006).

Apesar da evidente necessidade de se abrir espaço para esse tipo de produção, o reconhecimento de seu valor como obra de arte e a sua figuração na lista de textos consagrados pelo cânone ainda é mais uma conquista a ser alcançada. O que se vê é que a produção literária dos escritores negros ou afro-brasileiros ainda permanece num circuito editorial alternativo.

A despeito de todos os movimentos conscientes ou inconscientes de apagamento das raízes africanas em nossa cultura, a resistência e a força desse traço cultural se fazem presentes e precisam ser preservadas. É o que se observa na força dos versos de Solano Trindade transcritos a seguir. O orgulho de pertencer a uma raça forte que, embora sofrida, resistiu e preservou-se apesar das contrariedades.

Sou Negro
meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o batismo dos
tambores, atabaques, gonguês e agogôs
(...)
Na minh'alma ficou
O samba
O batuque
O bamboleio
E o desejo de libertação...
Solano Trindade



É preciso valorizar os poetas e escritores que se debruçaram ou ainda se debruçam na tentativa de desfazer os estereótipos formados ao longo de cinco séculos, desafiando a produção canônica que reforçou a imagem distorcida e animalizada dos negros nesse país. É através das vozes desses escritores que a tese da inferioridade étnica vai ser de fato desfeita e a humanidade afrodescendente será então representada.

Referências

DUARTE, Eduardo de Assis. “Úrsula, primeiro romance afro-brasileiro”, in: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (org.). *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Literatura Negra, Literatura Afro-Brasileira: Como responder à polêmica?” In: *Literatura Afro-Brasileira* / organização Florentina Souza, Maria Nazaré Lima. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

LOBO, Luiza. “Maria Firmina: pioneira no diário e no romance”. In: PADILHA, Laura Cavalcante (org.). *Anais do I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Niterói: Imprensa Universitária da UFF, 1995.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. “O negro como objeto e sujeito de uma escritura”. In: *Caderno Uniafro* / organização Lúcia Helena Oliveira Silva, Frederico Augusto Garcia Fernandes. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2006.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil”, in: *Negras Imagens*. São Paulo: Estação Ciência, 1996.



SCARPELLI, Marli Fantini. “Machado de Assis: literatura e emancipação”, in:
CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (org.). *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.

SILVEIRA, Oliveira. “Outra nega Fulô” in: *Cadernos negros: os melhores poemas* /
organizador Quilomboje. São Paulo: Quilomboje, 1998.

Sites:

DUARTE, Eduardo de Assis. “Literatura e afro-descendência” in:
[http://www.acaocomunitaria.org.br/discussoes_tematicas/literatura_e_afro_descendenci
a.pdf](http://www.acaocomunitaria.org.br/discussoes_tematicas/literatura_e_afro_descendenci_a.pdf), acesso em 01 de setembro de 2009.

LIMA, Jorge de. “Essa nega Fulô”,
in: <http://www.revista.agulha.nom.br/jorge.html#inicio>, acesso em 01 de setembro de
2009.

TRINDADE, Solano. “Sou negro”, in:
<http://www.quilombhoje.com.br/solano/solanotrindade.htm>, acesso em 01 de setembro
de 2009.

[http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Pai_contra_mae_de_machado_de_ass
is.pdf](http://www3.universia.com.br/conteudo/literatura/Pai_contra_mae_de_machado_de_assis.pdf)